



© JOÃO RIBEIRO

HÁ SENSIVELMENTE um ano tinha início em Lisboa a primeira edição de *Pontes Lusófonas*, concebidas como um conjunto de iniciativas culturais destinadas a promover e a conferir materialidade a uma forma de estar e comunicar que inegavelmente reúne os sete países que usam a mesma língua oficial, aos quais então associámos Timor-Leste. O projecto que nascia simultaneamente como uma festa e um apelo ao processo de consolidação da *Lusofonia* também na esfera cultural constituiu, de facto, uma iniciativa inovadora no sentido de uma partilha criativa e de um reconhecimento recíproco cujos ecos deram provas de ter sensibilizado positivamente os intelectuais e os órgãos de comunicação social lusófonos.

A um ano de distância a proposta parece continuar a fazer caminho, facto que é para este Instituto altamente gratificante. Fortalecidas por uma espécie de elo feito de letras, sons e cores, as *Pontes Lusófonas* tinham-se proposto conquistar «um espaço de *convivialidade* (...) através de itinerários (...) percorridos por grupos de intelectuais e homens de cultura (...) nesta tarefa de construir indissolúveis laços afectivos que sejam pertença colectiva de todos os intervenientes do diálogo a estabelecer».

E as primeiras pontes foram lançadas.

Este ano o lugar de chegada é Moçambique, concretamente a cidade de Maputo, passando por Lisboa. Da margem atlântica poder-se-ão ver três exposições subordinada ao tema genérico *Arte(s) de Moçambique*. Da margem banhada pelo Índico, as letras, o cinema e a música de todos os convocados para esta edição das *Pontes Lusófonas II* que passa a contar, pela primeira vez, com representantes de Macau e da Emigração na Europa e nas Américas.

Mas os caminhos, confluindo embora nas mesmas pontes que atravessam um mar comum, o da Lusofonia, banhado por espaços culturais

pertencentes a quatro continentes, bordejam outras margens de outros tantos rios cujas correntes matizam os tons e as vozes e transportam as maneiras de ser e sentir próprios a cada travessia. O sexto número de *Camões – Revista de Letras e Culturas Lusófonas* propõe-se ser uma espécie de roteiro, entre muitos possíveis, pelos caminhos que serpenteiam margens nesses amplos e diversificados territórios que falam uma mesma língua e partilham uma herança cultural. Moçambique, claro, como país de acolhimento deste conjunto de iniciativas, mereceu maior atenção neste número, mas todos lá estamos a encurtar distâncias e a dar a ler o que nos vai falando dentro, em palavras comuns. São Tomé e Príncipe na voz da sua poesia e na tradução para crioulo de sonetos de Luís de Camões, o Brasil através de um estudo sobre Cruz e Sousa, poeta negro autor de *Broqueis*, a Guiné com outro estudo sobre a crioulação e Angola na evocação da ilha de Luanda são exemplos de um périplo através da riqueza linguística e cultural da Lusofonia. Mas não só: o cinema, o teatro, a música, recensões e entrevistas completam a viagem que as pontes atravessam. A variedade e a criatividade das cultura lusófonas provocam um certo embaraço na escolha, mas que nem por isso alteram ou minoram o contributo de cada uma das comunidades. Pelo contrário, a alteridade conjugada ao respeito e ao apreço mútuo entre as culturas faladas e escritas cria plataformas de diálogo. E pelo diálogo se edificam pontes e se entrelaçam projectos. Como o que esta Revista assinala tematicamente e como outros, muitos, que se vão construindo lenta mas seguramente entre oceanos de entendimento e confiança que o diálogo cultural propicia.

Jorge Couto